

DO BOM JESUS SOFREDOR AO CRISTO LIBERTADOR

Um aspecto da evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil

Riolando Azzi

Até o presente, bem pouca atenção tem sido dada quer à história da teologia, quer à história de espiritualidade católica no Brasil. Tal fato se deve a três condicionamentos principais: em primeiro lugar, à escassez de pessoas que se dedicam a um aprofundamento teológico no Brasil; em segundo lugar, à formação marcadamente européia que ainda predomina entre o clero, poucos se interessando verdadeiramente com o conhecimento da realidade brasileira; por último, o grande interesse que as ciências sociais (psicologia, sociologia, antropologia) despertam entre os intelectuais católicos, e que não deixa de ser uma conquista, mas que resulta por vezes numa marginalização dos estudos mais especificamente teológicos. Assim sendo, a teologia e a espiritualidade do Brasil ainda prosseguem vivendo como cinderelas, à espera de uma fada que as transforme em princesas.

Neste estudo, destinado a um enfoque bem restrito, gostaria de chamar a atenção sobre a riqueza de elementos para a interpretação da vivência da fé católica no Brasil — e conseqüentemente das vantagens para qualquer tipo de ação pastoral — provenientes dessa análise.

Meu enfoque se limita a um aspecto da espiritualidade e teologia popular, ou seja, a devoção a Jesus Cristo, enfocando suas características mais marcantes.

De início, darei relevo à devoção ao Cristo Sofredor, introduzida desde os primórdios do período colonial. Em seguida, passarei a analisar a importância da devoção ao Coração de Jesus, promovida a partir de meados do século passado. Já neste século, ao correr dos anos 20, o enfoque passa a ser dado à devoção a Cristo Rei, terceiro ponto deste estudo. Nas últimas duas décadas, por fim, a devoção a Cristo libertador começa a ganhar espaço na piedade popular, sendo o último aspecto a ser considerado.

É importante observar desde o início que a ênfase dada a uma nova devoção não significa o abandono das devoções anteriores. Estas con-

tinuam freqüentemente a coexistir com as novas devoções, explicitando alguns aspectos quer convergentes, quer divergentes. Por vezes, aliás, elementos das antigas devoções são incorporados às novas, e vice-versa, produzindo simbioses muito variadas na prática devocional popular.

Existem também nessa prática abusos, deformações, sincretismos, fanatismos, e até mesmo influências mágicas e supersticiosas. Mas não é para esse aspecto que o estudo está orientado¹.

Quero chamar ainda a atenção sobre dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, convém ressaltar que essas devoções não surgem isoladamente, mas se inserem dentro de um contexto eclesial mais amplo, ou seja, elas expressam também a evolução histórica da própria Igreja. Em segundo lugar, é bom notar também que tais devoções não surgem por acaso, mas estão articuladas direta ou indiretamente com as transformações sócio-econômicas e políticas do país.

Assim sendo, pode-se dizer que tais devoções expressam sem dúvida a piedade popular em determinados momentos históricos, mas manifestam também de algum modo seus vínculos quer com a instituição eclesial, quer com a própria sociedade na qual o povo está inserido.

I. O BOM JESUS SOFREDOR

Durante o período colonial, a devoção ao Bom Jesus ocupou um lugar de relevo na piedade popular. Tal devoção foi trazida de Portugal pelos colonos que se transferiram para o Brasil.

A característica fundamental da devoção ao Bom Jesus é seu aspecto leigo e social. Tal devoção tem suas origens no período medieval, quando a Igreja se identifica com a própria sociedade católica, sob o modelo de Cristandade. Essa concepção eclesial foi trazida pelos portugueses para o Brasil, pois a implantação do catolicismo se fez sob o Padroado régio. Desse modo a fé católica chega ao Brasil inserida no próprio projeto colonizador.

Como devotos do Senhor Bom Jesus, os colonos portugueses preocuparam-se desde o início em garantir a sua proteção contra as adversidades da vida numa terra estranha: perigos de viagens, inclemências do clima, ataques de animais ferozes, doenças e pestes, etc. Para muitos deles, a nova terra era um verdadeiro lugar de sofrimento e exílio. Conseqüentemente um lugar transitório.

Sérgio Buarque de Holanda ressaltava esse aspecto, escrevendo:

¹ É importante ressaltar que o conteúdo religioso das devoções populares esteve sempre envolvido com outras dimensões de afirmação social de poder, de sexo, e outras mais, como demonstra o estudo de Rubem Cesar FERNANDES, *Os Cavaleiros do Bom Jesus*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

“Dir-se-ia que, aqui, a colônia, é simples lugar de passagem, para o governo como para os súditos. É aliás, a impressão que levará Koster, já no século XIX, de nossa terra”².

Assim sendo, nada melhor do que ter como amparo e proteção o Bom Jesus Sofredor.

O Bom Jesus era cultuado tanto em oratórios domésticos, como em cruzeiros e vias-sacras erigidos em lugar de destaque perto ou mesmo dentro de vilas e cidades coloniais. Com freqüência a devoção era incrementada através de confrarias e irmandades, cujos membros se encarregavam da construção da capela ou ermida, bem como zelavam pela manutenção e pelo brilho de suas festas. Nesse tipo de organização religiosa atuavam principalmente os homens, e só paulatinamente as mulheres foram abrindo espaço para a sua presença.

Alguns desses locais de devoção tornaram-se célebres, transformando-se com o tempo em meta de romarias.

O ciclo da paixão

A devoção ao Bom Jesus, dentro da perspectiva popular, é centrada no mistério da Paixão e Morte de Cristo. Não tanto, porém, mediante a análise especulativa ou teórica da doutrina cristã, mas principalmente através da representação vivenciada do próprio drama do Calvário.

Os principais eventos enfocados pelos devotos do Bom Jesus são quatro: A Coroação de Espinhos e a Flagelação de Cristo, o Caminho doloroso do Calvário, a Morte na Cruz e por último o seu sepultamento.

O Cristo flagelado e coroado de espinhos é lembrado na tradição popular pela imagem do Bom Jesus de Cana Verde, isto é, a imagem de Jesus coroado de espinhos, coberto com um manto roxo, e tendo na mão um pedaço de madeira (“cana verde”) simbolizando o cetro. A imagem é conhecida também como *Ecce Homo*, lembrando a apresentação de Jesus flagelado diante do povo, no pretório de Pilatos.

O Caminho do Calvário apresenta-se condensado na imagem do Senhor dos Passos, objeto de culto especial no período colonial. Jesus é mostrado com a cruz às costas, inclinado dolorosamente para a frente, com um joelho em terra, em atitude de quem está oprimido pelo peso do madeiro.

A morte de Cristo no alto do Calvário é simbolizada pelo Crucifixo, conhecido no período colonial com a designação do Senhor do Bom Fim, ou seja, o Senhor que encerra sua missão de redenção sobre a terra: *Consummatum est*.

² Sérgio Buarque HOLANDA, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio, ¹²1978, p. 65.

Por último, o catolicismo popular de tradição luso-brasileira dá grande importância à devoção ao Senhor Morto. Sua estátua representa Cristo morto, colocado em posição horizontal sobre um caixão, tendo com frequência ao seu lado a estátua da Virgem das Dores, conhecida também como Nossa Senhora da Soledade ou Compadecida, cujo coração aparece transpassado por uma lança.

É importante assinalar que na mente do povo devoto o drama da Paixão não é apenas encenado, mas é revivido realmente na Semana Santa. Além disso, por um paradoxo significativo, todas as imagens inclusive as do Cristo morto, são consideradas vivas, isto é, portadores de graça, vida e saúde para os seus fiéis.

As manifestações populares

Essas diversas etapas da Paixão e Morte de Cristo, estão presentes em inúmeras manifestações de piedade, desde o início da colonização lusitana.

A devoção ao Bom Jesus da Cana Verde ou do Senhor flagelado à coluna teve uma expansão muito grande através dos santuários construídos durante o ciclo bandeirante, tornando-se logo metas de importantes romarias. Contribuir para construção e manutenção de um edifício de culto era considerado um ato de especial devoção.

A imagem do Senhor Bom Jesus da Cana Verde está sendo cultuada em Iguape desde 2 de novembro de 1647. Segundo narram as crônicas antigas, a mesma imagem confirmou por uma série de milagres a intenção de receber culto naquela localidade.

Tremembé também estava no caminho trilhado pelos bandeirantes em busca de ouro. Segundo a lenda, a estátua foi retirada da água do rio Paraíba pelos pescadores. A primitiva capela foi fundada em 1669 por Baltazar Costa Veiga e sua esposa Maria de Mendonça, neta de Amador Bueno da Silveira. Antes da construção da estrada de ferro Rio-São Paulo, Tremembé era a cidade-santuário do Vale do Paraíba do Sul.

Perdões situava-se também no roteiro dos bandeirantes. A vila dos Perdões esteve florescente no primeiro quartel do século XVIII. O encontro da imagem se deu na época das lutas entre as famílias paulistas de Pires e dos Camargos. A primitiva capela foi erigida por Bárbara Cardoso, mãe de João Lopes de Lima e do padre Manoel Cardoso de Lima.

A imagem do Bom Jesus de Pirapora foi encontrada às margens do rio Tietê. Em 1724, aventureiros que subiam o rio encontraram uma tosca imagem de madeira, quase do tamanho normal de um homem, numa pedreira que aflorava num cotovelo do rio, na propriedade de José de Almeida Neves. Ergueu-se logo no local um tosco abrigo para o Bom

Jesus de Cana Verde. Até hoje o Bom Jesus de Pirapora é importante meta de romarias, no templo que posteriormente lhe foi construído naquele lugar.

Também o Senhor dos Passos mereceu sempre uma atenção especial da população colonial. Era originária de Portugal, onde fora iniciada no século XVI.

Em diversos lugares do Brasil colonial, quer no campo, quer nas cidades, foram erigidas vias-sacras, com estátuas ou estampas recordando o caminho do Calvário. Com muita freqüência o povo refazia, entre preces e cantos, essa caminhada dolorosa de Jesus.

Durante o período preparatório da Semana Santa, havia também um dia especial para a celebração da procissão dos Passos. Era uma das procissões mais importantes, e realizava-se na segunda sexta-feira da quaresma. Desde meados do século XVIII já se tem notícia de sua celebração. Em geral estava a cargo da Venerável Ordem do Carmo e dos Terceiros Carmelitas. Em algumas localidades havia também a Irmandade dos Passos, destinada especificamente a promover essa devoção. Ao que consta, em São Paulo a primeira procissão dos Passos foi realizada em 1681. Os passos da capital paulista eram os seguintes: o Pretório; a Flagelação; o Salvador com a Cruz; a Queda de Jesus; o Encontro com Maria e Verônica.

No Rio, a antiga procissão saía ao cair da tarde e entrava pela noite adentro, à luz de tochas, percorrendo os passos ou estações da Via-Sacra, a princípio nos oratórios a ele consagrados, e distribuídos nas esquinas de ruas e praças, e posteriormente nos átrios ou escadarias das igrejas da cidade, onde fiéis se detinham para orações apropriadas.

A agonia e morte de Cristo na Cruz foi também objeto de antiga devoção popular. Algumas imagens de Cristo crucificado tornaram-se famosas, como o Bom Jesus de Matozinhos, em Minas Gerais, o Bom Jesus da Lapa e o Senhor do Bom Fim em Salvador, as duas últimas na Bahia.

Foi em meados do século XVIII que o português Feliciano Mendes iniciou a promoção do culto do Bom Jesus de Matozinhos. Inicialmente os fiéis se limitavam a rezar ao pé de uma cruz, erguida à beira da estrada, na paragem denominada Alto do Maranhão, em Congonhas do Campo. Em seguida foi construída a ermida, onde foi colocada a imagem do Bom Jesus. A capela transformou-se em igreja, benzida pelo bispo diocesano em 1775, meta incessante de importantes romarias.

A devoção ao Bom Jesus da Lapa foi promovida a partir de fins do século XVII, quando o ermitão Francisco de Mendonça Mar retirou-se a essa gruta no interior da Bahia com a imagem do Cristo Crucificado. Já em princípios do século XVIII o culto do Bom Jesus da Lapa es-

tava amplamente difundido.

A devoção ao Senhor do Bom Fim, na Bahia, data de 1745, sendo instituída pelo capitão da marinha lusitana Teodósio Rodrigues de Faria, fervoroso devoto do Senhor do Bom Fim, já cultuado em Setúbal, a trinta quilômetros de Lisboa. Trouxe uma imagem semelhante à de Portugal, e logo o santuário do Senhor do Bom Fim tornou-se o principal centro de devoção do povo baiano, celebrando-se com grande pompa a sua festa desde o século XVIII.

Por fim, deve-se lembrar ainda a importância dada pelo povo à devoção do Senhor Morto, e ao ritual simbólico do seu sepultamento.

A procissão do Senhor Morto ou do Enterro é uma das mais antigas procissões da Semana Santa, e é sem dúvida a que perdura com mais vigor, sobretudo no interior. Essa procissão era celebrada na tarde ou à noite da sexta-feira santa. Em alguns lugares a procissão era precedida pela cerimônia da descida da cruz; realizava-se na sexta-feira depois das três horas da tarde, e em seguida saía a procissão.

No Rio, a celebração era solene: sob um luxuoso pálio, cercado de curiais com tochas de cera roxa, vinha o esquife de prata, transportando a imagem do Senhor Morto, semi-coberto por um manto violeta com franjas de ouro. Os varais do caixão assentavam sobre os ombros de clérigos tonsurados. Concluído o itinerário, o cortejo se recolhia ao templo, e a multidão se precipitava para ouvir o sermão das Lágrimas ou de Nossa Senhora da Soledade, sempre a cargo de um orador sacro de fama³.

Conteúdo teológico e espiritual

O tema da Paixão e Morte de Cristo é fundamental na fé católica. No elenco sintético das principais verdades da fé, se afirma a crença em Jesus Cristo, o qual "padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado". Mediante seus sofrimentos e sua morte, Cristo abriu para a humanidade as portas da salvação.

Na pregação católica tradicional, dava-se grande ênfase ao fato de que a Paixão de Jesus deveria servir de estímulo para que as pessoas aprendessem desse exemplo a suportar os sofrimentos e dificuldades da vida.

Toda a espiritualidade da devoção ao Bom Jesus gira ao redor dos temas: *Paixão e Compaixão*. Cristo não é apenas um sofredor da paixão, mas através dela manifesta a sua compaixão pelo povo. A espiritualida-

³ Para maiores informações sobre procissões e romarias populares vide Riolando AZZI, *O Catolicismo popular no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1978.

de católica tradicional também se desdobra nessas duas dimensões: de um lado aceitar pacientemente o sofrimento, a paixão da vida terrena, e por outro manter sempre uma atitude compassiva para com o sofrimento alheio, ou seja, a solidariedade nos momentos de dor e aflição. Tais sentimentos são ainda muito típicos entre o povo mais despojado de bens materiais e culturais em nossa sociedade brasileira.

Para o cristão, portanto, a Com-Paixão de Cristo tem dois enfoques complementares: aceitação do sofrimento pessoal, unido à paixão de Cristo, e solidariedade para com os outros, mediante o compadecimento de seus sofrimentos.

A fim de estimular esses sentimentos de compaixão, o Bom Jesus está sempre ao lado do povo.

Essa companhia de Jesus junto ao povo que sofre é assim expressa no tradicional canto *Abra a porta*, de origem popular, e dedicado ao Senhor dos Passos:

“Abra a porta povo que Ele vem Jesus
Ele vem cansado com o peso da Cruz”.

Mais adiante o povo canta:

“Ai Senhor dos Passos, vós contais meus passos
Vós mesmo livrai-me de algum embaraço”.

E nos últimos versos se afirma:

“Que Jesus é meu e eu sou de Jesus
Jesus vai comigo e eu vou com Jesus”⁴.

Também na devoção ao Senhor do Bom Fim, a idéia de estar ao lado de Jesus na caminhada pela vida aparece expressamente, bem como sua compaixão divina para com os pobres.

Na romaria da Lapa, o povo canta com devoção:

“Senhor Bom Jesus da Lapa, é Santo de caridade,
Ele dá esmola aos cegos e aos pobres aleijados
Somos romeiros de longe, a fé é que nos conduz
Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus”.

Estar no santuário, significa sentir mais de perto essa presença compassiva de Jesus. Por isso, ao se afastarem os romeiros cantam em tom de tristeza:

⁴ *Abra a Porta, Cartilha do Povo de Deus*, São Paulo, Edições Paulinas, 1979, p. 341. É interessante observar que esse manual de piedade popular, onde se encontram também as letras dos outros cantos citados em seguida, apresenta como título exatamente as palavras iniciais do canto dedicado ao Bom Jesus dos Passos.

“Quando eu saí da Lapa avistei a Santa Cruz
Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus”.

No Bendito do Senhor do Bom Fim, os sentimentos populares se expressam em forma análoga:

“Meu Bom Jesus do Calvário vossa cruz é de oliveira
Vós sóis a mais linda flor que nasceu entre as roseiras
Vossa divina cabeça foi cravada com espinhos
Pelo amor dos meus pecados sofrestes Senhor do Bom Fim”.

Jesus não está apenas ao lado de seus devotos, mas mediante sua paixão e morte expia os pecados do povo cristão.

Nessa perspectiva teológica da Paixão, tem grande força a idéia do mundo como um lugar de expiação, como um lugar de exílio no qual o homem foi relegado em consequência do pecado original.

Essa visão negativa do mundo, bem típica da Idade Média, está bem presente na tão conhecida oração Salve-Rainha, onde se afirma que estamos vivendo “gemendo e chorando neste vale de lágrimas”, e onde a visão de Jesus ressuscitado só é vislumbrado depois da morte: “e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus”.

Dentro desse contexto a vida cristã mais profunda é concebida como uma “fuga do mundo”, e as ordens religiosas contemplativas são exaltadas como expressão da perfeição cristã.

Se Jesus Sofredor ajuda as pessoas a suportarem o peso dos sofrimentos da vida, não falta também por vezes a denúncia daqueles que idolatram o poder e a riqueza, como nestes versos do canto *Abra a Porta*:

“De que vale poder, com tanta nobreza,
Se perder o céu perde toda a riqueza”.

E em seguida:

“Nós queremos ser grandes, somos castigados
Somos castigados, perdoai, Senhor”.

João Camilo de Oliveira Torres ressalta esse aspecto de denúncia popular implícita na devoção do Bom Jesus, afirmando:

“O povo dos sertões vê no Cristo a imagem do irmão Sofredor,
a divindade vítima dos poderes do mundo. Como ele”⁵.

Não obstante a sucessiva evolução da teologia e da ascese católica, a espiritualidade do Cristo Sofredor continua ainda a alimentar den-

⁵ João Camilo de Oliveira TORRES, *História das Idéias Religiosas no Brasil*, São Paulo, Grijalbo, 1968, p. 58.

samente a fé de inúmeros católicos, sobretudo nas regiões rurais, ou nas camadas de população pobre que vivem nas áreas suburbanas.

II. O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

A partir de meados do século XIX, uma nova forma devocional passa a ganhar espaço e a se afirmar entre o povo católico: a devoção ao Coração de Jesus. Ela se introduz no Brasil, trazida por diversas congregações religiosas européias que se implantam no país visando a colaborar com o episcopado na reforma católica do clero e do povo cristão.

Em geral, esses religiosos dão pouca atenção à antiga tradição religiosa do Brasil, e com freqüência mantêm um espírito bastante crítico com relação à atitude devocional do povo.

Além disso, a devoção ao Coração de Jesus recebera o aval explícito da Santa Sé, o que lhe dava um caráter peculiar de legitimidade. E contava também com o apoio irrestrito dos bispos reformadores.

Os grandes promotores da devoção ao Coração de Jesus foram os membros da Companhia de Jesus, que, após a expulsão pombalina em 1759, voltaram a ingressar paulatinamente no Brasil durante o Segundo Reinado.

Entre esses jesuítas de origem espanhola, alemã e italiana destacou-se o padre Bartolomeu Taddei, do colégio São Luís de Itú, conhecido a partir de então como o apóstolo do Coração de Jesus no Brasil.

Mediante a atuação de Taddei, a devoção ao Coração de Jesus passou a ocupar no novo modelo de Igreja hierárquica o lugar do Bom Jesus na tradicional concepção de Igreja como Crmandade.

A devoção ao Bom Jesus valorizava a idéia do sofrimento e da expiação, centrada ao redor da meditação da paixão e morte de Cristo. Essa concepção favorecia a nível popular a idéia de Cristo como companheiro do povo. Por outro lado, favorecia também uma visão fatalista da existência, sendo o sofrimento considerado basicamente como consequência do pecado original, que havia transformado esse mundo num vale de lágrimas.

Na devoção ao Coração de Jesus, era enfatizada a responsabilidade pessoal de cada cristão no desígnio salvífico de Deus, ao mesmo tempo em que se ressaltava a necessidade de reparar com obras espirituais os pecados cometidos pelos hereges e maus cristãos.

A devoção ao Coração de Jesus foi amplamente difundida através de estampas, imagens, orações, cânticos, livros e folhetos. Os principais veículos para a difusão dessa devoção foram as associações religiosas do Apostolado da Oração e a Liga do Sagrado Coração de Jesus.

Enquanto a devoção ao Bom Jesus era promovida principalmente

por confrarias masculinas, os membros das novas associações eram principalmente mulheres, orientadas por um sacerdote como diretor espiritual.

Como veículo para promoção da devoção, os jesuítas fundaram a revista *Mensageiro do Coração de Jesus*, "órgão mensal do Apostolado da Oração, Liga do Coração de Jesus e da Comunhão Reparadora, sob a direção do Diretor Central do Brasil, Itú, 1896".

Posteriormente, introduziu-se também a praxe da entronização do quadro do Coração de Jesus nos lares católicos.

O binômio Coração de Jesus-Eucaristia

Desde o início, a devoção ao Coração de Jesus apareceu com uma vinculação muito grande com o culto da Eucaristia.

Teologicamente, como mostra o evangelho da festa do Coração de Jesus, tal devoção está diretamente ligada também à Paixão de Cristo, cujo coração foi transpassado por uma lança na hora de sua crucifixão no alto do Calvário. Mas, em vista das declarações atribuídas ao Coração de Jesus nas aparições que deram origem à devoção, estabeleceu-se uma ponte entre esse culto e a Eucaristia.

Por essa razão, a devoção ao Coração de Jesus apresenta dois aspectos complementares: uma ênfase sacramental e uma característica clerical.

A devoção tivera sua origem no século XVII, mediante as aparições do Coração de Jesus a uma religiosa de nome Maria Margarida Alacocque, em Paray-le-Monial, na França. Em sua mensagem, Jesus pedia aos fiéis que lhe prestassem um culto especial nas sextas-feiras, dia em que se recorda a sua paixão, e que ao mesmo tempo procurassem receber a comunhão sacramental pelo menos nas primeiras sextas-feiras de cada mês.

Paulatinamente, a festa do Coração de Jesus passou a ser celebrada em diversas dioceses da França. Em seguida a Santa Sé estendeu-a para o mundo inteiro, elevando-a em 1929 à categoria ritual de primeira classe.

A união entre o Coração de Jesus e a Eucaristia tornou-se tão forte que em época mais recente passou-se a promover explicitamente a devoção ao Coração Eucarístico de Jesus.

Já em fins do século, por exemplo, existia em Maroin, Sergipe, por influência do Apostolado da Oração, uma capela ao SS. Coração Eucarístico.

A festa do Coração Eucarístico de Jesus foi também oficializada na liturgia católica, passando a ser celebrada na quinta-feira depois da

feita do Sagrado Coração de Jesus. A quinta-feira, aliás, ficou sendo considerada como o dia da comemoração da Eucaristia.

O decreto da Santa Sé que institui a solenidade evidencia os vínculos existentes entre o Coração de Jesus e o culto da Eucaristia:

“A razão particular dessa instituição é comemorar o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo no mistério da Eucaristia. Por este meio a Igreja quer estimular os fiéis a se aproximarem com mais confiança deste augusto Mistério, pelo qual sempre mais se inflamam os corações nas chamas do Coração Divino. No SSmo. Sacramento, o Coração de Jesus protege e ama as almas, vivendo e permanecendo no meio delas, como elas por sua vez vivem e permanecem nele. Neste sacramento, Jesus se dá a nós como vítimas, como companheiro, como alimento, como viático e como penhor de glória eterna”⁶.

Por decreto da S. Congregação dos Ritos de 25 de janeiro de 1935 a celebração da festa do Coração Eucarístico foi estendida a todo o Brasil, pois antes era celebrada apenas em algumas dioceses.

Em ambas as devoções — Coração de Jesus e Coração Eucarístico — aparece com bastante nitidez a idéia de Cristo como companheiro do homem em sua trajetória sobre a terra, um dos fundamentos da tradicional devoção ao Bom Jesus. Agora, porém, acentua-se que o lugar onde se evidenciam mais esses vínculos de amizade entre Cristo e o fiel é no recinto dos templos, junto do altar onde se celebra ritualmente o mistério cristão da Paixão e Morte de Cristo.

Essa devoção, evidentemente, encontrou grande acolhida entre clérigos e religiosos. Apenas dois exemplos elucidativos: em Belo Horizonte, o seminário arquidiocesano foi dedicado ao Coração Eucarístico, e o noviciado salesiano erigido em Pindamonhangaba já nos anos 40 recebeu o título de Instituto do Coração Eucarístico de Jesus.

Os santuários do Coração de Jesus

Já desde meados do século XVIII se havia tentado introduzir a devoção ao Coração de Jesus no Brasil. Assim em Mariana o bispo D. Manuel da Cruz, amigo dos jesuítas, a quem confiara a direção do seminário por ele fundado, introduziu na catedral uma estátua do Coração de Jesus; mas ela foi em seguida retirada pelos cônegos, que não concordavam com a nova devoção. A 7 de outubro de 1752, D. Manuel presidiu à entronização de uma nova estátua do Coração de Jesus no altar de São José da catedral; mas os cônegos, em protesto, abandonaram o coro

⁶ Beda, KECKEISEN, *Missal Quotidiano*, Salvador, Tip. Beneditina, 191958, p. 563.

à entrada do prelado⁷.

Apenas um século após, quando os próprios bispos estavam empenhados em introduzir no Brasil o modelo de Igreja hierárquica, inspirado no Concílio de Trento, e em reforçar seus laços de fidelidade à Santa Sé, foi possível encontrar o clima adequado para a implantação dessa devoção.

Além dos jesuítas, os primeiros a enfatizar a importância da devoção ao Coração de Jesus foram os lazaristas franceses, convocados desde o início para fortalecer o movimento da reforma católica.

Formado à escola dos lazaristas de Mariana, o padre João de Santo Antônio tornou-se o apóstolo dessa devoção em Minas Gerais, construindo em Vista Alegre, município de Sete Lagoas, um templo ao Coração de Jesus, iniciado a 8 de março de 1886 e concluído em maio de 1884⁸.

Já desde 1878 alguns católicos paulistas haviam deliberado também comprar um terreno no bairro de Campos Elíseos, para construir uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, patrono da conferência vicentina de São Paulo.

A 24 de junho de 1881, festa litúrgica do Coração de Jesus, o bispo benzeu a primeira pedra da projetada capela. A 31 de julho desse mesmo ano o cônego Barroso divulgava uma circular destinada a angariar esmolas para a edificação do templo, escrevendo:

“Conforme já declarou o Exm^o e Revm^o Sr. Bispo, pretende ele oportunamente consagrar esta diocese ao Sagrado Coração de Jesus, e então este templo, ora em começo, será um monumento que perpetuará e atestará aos pósteros a piedade e religião da benemérita e patriótica diocese de São Paulo”⁹.

Em agosto de 1884 o bispo diocesano publicava uma circular anunciando que o novo santuário, “destinado a ser para toda a diocese o centro de devoção ao Sagrado Coração de Jesus”¹⁰, seria entregue aos cuidados dos salesianos.

Progressivamente foram se multiplicando no Brasil altares, capelas e igrejas dedicadas ao Coração de Jesus ou ao Coração Eucarístico.

O Coração de Jesus passou a ser também o titular de algumas igrejas catedrais, como nas dioceses de Uberaba, Assis e Petrolina.

⁷ Raymundo TRINDADE, *Arquidiocese de Mariana*, Belo Horizonte, Imprensa Nacional, 1953, 1^o v., pp. 102-103.

⁸ Joaquim Silvério de SOUZA, *Sítios e Personagens*, São Paulo, Tip. Salesiana, 1897, p. 187s.

⁹ Luís MARCIGAGLIA, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, 1955, 1^o v., p. 63.

¹⁰ Arquivo da Cúria Arquidiocesana de São Paulo.

As práticas devocionais

Inspirada numa aparição, a devoção ao Coração de Jesus já trazia por essa mesma característica um certo cunho popular. Não obstante, essa devoção foi sempre orientada e controlada pela hierarquia eclesiástica, garantindo assim a sua legitimidade dentro da Igreja. Ao mesmo tempo, manteve sempre um vínculo forte com o culto eucarístico.

A prática mais enfatizada, objeto de promessa especial do Coração de Jesus, era a devoção da comunhão reparadora nas nove primeiras sextas-feiras de cada mês. Naturalmente, desde o dia anterior, multiplicavam-se as filas de fiéis diante do confessional, em busca da absolvição sacramental da penitência.

Mediante a praxe sacramental, a devoção ao Coração de Jesus mantinha uma acentuada dependência do clero para sua plena realização. E era na recepção eucarística que os fiéis recebiam as graças especiais do Coração de Jesus.

É bem expressiva esta página sobre a Comunhão, publicada na revista do Mensageiro do Coração de Jesus em fins do século passado:

“Os bispos em suas dioceses, os párcos em suas freguesias, os bons cristãos no meio do mundo recorrem continuamente a este augusto sacramento, como fonte mais abundante de consolações e forças para enfrentar com os poderosos adversários no nome de Deus.

Também que imenso contraste se nota entre as cidades cujos habitantes, cheios da mais profunda fé, chegam-se muitas vezes à mesa eucarística, e às localidades onde o povo conserva-se longe do tabernáculo, sem possuir o amor de Jesus, que vive no meio dele como um *Deus desconhecido!*

Nas primeiras floresce a piedade, desenvolvem-se as virtudes cristãs, multiplicam-se as boas obras, e por toda a parte nas famílias, da mesma sorte que na sociedade, reina a verdadeira união fraternal que edifica e consola.

Nas segundas, medram apenas os mais lamentáveis vícios, e nota-se a mais completa esterilidade para o bem, limitando-se toda a vida religiosa a demonstrações exteriores que fazem ruído, mas não purificam nem elevam o coração”¹¹.

A devoção eucarística do Coração de Jesus é apresentada portanto como um divisor de águas: de um lado os fiéis devotos, que se reúnem no templo, onde recebem as graças e a amizade de Deus. De outro, as pessoas que permanecem fora das igrejas, numa vida social desagregada, mantendo apenas um vida religiosa externa e superficial. É fácil perceber no tópico final desse trecho uma alusão às procissões e romarias

¹¹ *Mensageiro do Coração de Jesus*, 1896, n. 1, junho, p. 24-25.

da tradição luso-brasileira, típicas das festas do Bom Jesus, com muito ruído de música, fogos e quermesse.

A verdadeira fé católica portanto se expressa na nova devoção sacramental, celebrada no recolhimento e silêncio dos templos. É aí que se manifesta a presença salvífica de Cristo.

A partir desse período são difundidas também outras práticas devotas: os Novos Ofícios em honra do Coração de Jesus, a Hora de Guarda, a Coroinha de Desagravo ao Coração de Jesus.

Em todas essas práticas dá-se ênfase à necessidade de reparar através de boas obras as ofensas que Jesus Sacramentado recebe dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

A maioria dessas práticas devocionais encontra ampla receptividade entre os clérigos, os religiosos e as mulheres.

Os homens, por sua vez, passam a dar prestígio à *Hora Santa*, devoção introduzida posteriormente, e na qual se passa a noite em vigília em adoração ao SSmo. Sacramento, como forma de desagravo ao Coração de Jesus das ofensas recebidas.

Em meados do século XIX multiplicam-se também as fórmulas de consagração ao Coração de Jesus, tanto a nível individual como a nível de grupo. Várias paróquias, dioceses e nações passam a fazer a sua consagração ao Coração de Jesus.

A 28 de junho de 1878, por exemplo, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo consagrou solenemente a arquidiocese de Salvador da Bahia ao Sagrado Coração de Jesus, tendo convidado os párocos a fazerem o mesmo em suas paróquias mediante a carta pastoral de 20 de junho desse mesmo ano.

Por ocasião da passagem do século o papa Leão XIII fez a consagração do mundo ao Coração de Jesus, recomendando que fosse repetida por todo o orbe cristão.

O arcebispo da Bahia D. Jerônimo Tomé de Souza publicou a 30 de novembro de 1889 uma carta pastoral, designando o dia 1º de janeiro de 1900 para a realização desse ato religioso. Nas diversas dioceses do Brasil houve manifestações religiosas análogas.

Na propaganda das práticas devocionais em honra do Coração de Jesus muito contribuíram, a partir da época republicana, diversas congregações religiosas masculinas e femininas, que aqui se implantaram trazendo o Coração de Jesus como seu título de identidade, ou incluindo o Coração de Jesus entre suas principais devoções.

A partir de fins do século passado iniciam-se também romarias brasileiras a Paray-le-Monial, na França, local da aparição do Coração de Jesus, incluindo geralmente ao mesmo tempo uma peregrinação até Roma. É evidente que, pelos gastos de viagem, tais expressões de culto

eram apenas acessíveis às pessoas mais abastadas.

Teologia e espiritualidade ultramontana

A devoção ao Bom Jesus inspirava-se numa visão teológica medieval; a devoção ao Coração de Jesus se fundamenta na teologia e espiritualidade do século XIX, conhecido como ultramontanismo¹².

Enquanto a teologia do Cristo sofredor, por seu caráter marcadamente social, teve amplo desenvolvimento popular, a teologia do Coração de Jesus foi mais valorizada por clérigos e grupos de pessoas vinculadas diretamente à influência do poderio institucional da Igreja.

Nessa nova perspectiva teológica, faz-se uma distinção explícita, quase uma oposição entre o corpo e alma, entre os interesses políticos e os religiosos, entre uma visão natural e uma visão sobrenatural da existência. Eis como o padre Bartolomeu Taddei descreve a finalidade da revista *Mensageiro do Coração de Jesus*:

“A missão do mensageiro no meio da sociedade onde vai entrar, é humilde e pacífica: seu fim não é a política dos interesses terrenos; seu partido é o partido do Coração de Jesus. Ele é destinado especialmente a promover a verdadeira devoção do Coração de Jesus: a união mais íntima de todas as almas ao nosso divino Coração, e a dedicação ativa aos interesses da Igreja, que são também os da humana sociedade”¹³.

O devoto sincero do Coração de Jesus, portanto, é aquele que se dedica ativamente aos interesses da Igreja institucional, pois a ela compete definir os verdadeiros interesses da humanidade.

A devoção ao Coração de Jesus, portanto, identifica-se com a fidelidade à própria Igreja Católica, que na época se apresentava com um enfoque romano-ultramontano bastante nítido.

Essa devoção tem seu pólo principal na Eucaristia, e por conseguinte no próprio sacerdote, ministro exclusivo desse sacramento. Daí o seu caráter eminentemente clerical.

Ao centrar a devoção popular no sacramento eucarístico, a Igreja lembrava aos leigos sua dependência do poder hierárquico. Ao mesmo

¹² A esse respeito, ver o estudo do Pe. Ferdinand AZEVEDO, S.J., tendo como título “Espiritualidade ultramontanista no Nordeste: 1866-1874, um ensaio”, publicado em *A Vida Religiosa no Brasil: enfoques históricos*, São Paulo, Edições Paulinas, 1983, pp. 74-84.

¹³ *Mensageiro do Coração de Jesus*, 1896, n. 1, junho, pp. 6-7. A idéia de separação do mundo é expressa também pela ênfase no conceito de Jesus como *prisioneiro* do altar. Assim no canto *Glória a Jesus na Hóstia Santa* existe a seguinte estrofe: “Glória a Jesus prisioneiro — Do nosso amor a esperar / Lá no sacrário, o dia inteiro / Que o vamos todos procurar”.

tempo enfatizava a importância de expressar a fé católica dentro dos recintos dos templos, sob o controle do clero, em contraposição ao catolicismo tradicional luso-brasileiro, de caráter marcadamente laico e social.

Como ministro da Eucaristia, o sacerdote era prestigiado como "outro Cristo". Em consequência disso, porém, se exigia que o sacerdote se dedicasse com exclusividade às coisas sagradas: o exercício do seu ministério devia ser realizado prevalentemente no altar, no púlpito e no confessionário. Ao mesmo tempo, a Igreja procurava afastar os seus ministros de uma presença no meio do mundo, pois a sociedade do século XIX era considerada como hostil aos seus interesses, veiculando doutrinas desagregadoras da fé e da moral católica.

Esta avalanche do mal que invadia o mundo exigia uma atitude decidida. Daí a necessidade de contrapor o bem ao avanço do mal. Por isso, outro importante elemento dessa espiritualidade era a idéia da *Reparação e do Desagravo*. Era necessário que os bons cristãos reparassem os pecados e os ultrajes que os maus cristãos e os hereges infligiam ao Coração de Jesus, ou seja, à própria instituição eclesiástica.

No contexto histórico brasileiro da época, como hereges eram considerados principalmente os protestantes e os espíritas, e como maus cristãos os que se deixavam influenciar pelas idéias liberais.

Ao difundir-se no Brasil a partir de meados do século passado, essa devoção assumia uma conotação bem específica: a imagem do Coração de Jesus ultrajado era a transfiguração da própria Igreja Romana, cujos territórios na época eram progressivamente anexados ao reino da Itália, sob a influência da nova ideologia liberal e revolucionária.

Numa fórmula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus amplamente divulgada a partir dos anos 20, esses conceitos aparecem explicitamente:

"Dulcíssimo Jesus, Redentor do gênero humano, lançaí sobre nós que humildemente estamos prostrados diante de vosso altar, os vossos olhares. Nós somos e queremos ser vossos.

Muitos há que nunca vos conheceram; muitos, desprezando os vossos mandamentos, vos renegaram.

Senhor, conservai incólume a vossa Igreja, e dai-lhe uma liberdade segura e sem peias"¹⁴.

Nessa fórmula, a Igreja institucional é apresentada como o porto exclusivo da salvação; e é diante do sacramento do altar que a Igreja expressa a unidade salvífica. Ela apela ainda pela sua liberdade de ação es-

¹⁴ Fórmula oficializada por Pio XI a 11 de dezembro de 1925.

piritual atingida pela nova concepção de sociedade em que se afirmam as idéias de progresso, de liberdade e de direitos do homem. É preciso uma reparação e um desagravo por parte dos bons para compensar o abandono dos filhos pródigos e dos que se opõem declaradamente ao poder eclesiástico.

Em consequência disso, uma das características dessa espiritualidade católica do século XIX foi a ênfase no poder espiritual da Igreja. O avanço das idéias liberais a partir da Revolução Francesa fez com que progressivamente fosse restringido o poder político da Igreja na sociedade; em contrapartida, a instituição eclesiástica procurou fortalecer sua organização interna, e sua doutrina defensiva; se no século XVI os inimigos principais eram os protestantes, no século XIX ocupavam lugar de destaque na apologética católica as doutrinas liberais.

Já não se tratava de fugir do mundo, como de defender-se do mundo mau. Como mundo bom considerava-se a área que estava sob a influência direta da Igreja, e onde se multiplicavam as atividades e as instituições católicas. O que ficava fora do alcance da penetração eclesiástica era visto com muita reserva e restrições.

Num artigo intitulado *O Sagrado Coração de Jesus e o século XIX* os redatores da revista *Mensageiro do Coração de Jesus*, assim se expressam em junho de 1900:

“As nações, possuídas de furor satânico, como touros bravios, uivaram de todos os lados, e os indivíduos, revoltados contra toda autoridade, ébrios de libertinagem, forjaram quiméricos projetos, tão malvados como perniciosos, sonhando com sistemas de governo sem bússola, sociedade sem vínculos sociais, felicidade sem Deus”.

E mais adiante, os mesmos jesuítas acrescentam:

“E a Espanha? E Portugal? E o nosso Brasil? Não atiraram todos sua pedra contra o sagrado edifício fundado por Deus na montanha santa? Certíssimamente. Conjuraram-se os poderes do século contra Deus, contra seu Cristo e seu Vigário na terra.

Que diremos finalmente das ciências, letras, artes e outras forças sociais, postas também ao serviço da irreligião e da apostasia?

A ciência divorcia-se da fé, pretextando conflitos imaginários; a política declara-se solenemente emancipada da moral religiosa, estabelecendo o famoso cânon do Estado sem Deus; a literatura vale-se de seus atrativos para zombar de tudo quanto é sagrado, associando-se à arte prostituída. Em suma, a sociedade abalada estremece toda até os seus mais fundos alicerces, oscila como sacudida por grande terremoto e desta maneira se desmoronaria completamente se a Igreja, instituição divina, inabalável, não a ajudasse a sustentar-se.

Eis aqui a situação crítica e angustiosa em que nos vai deixar o ruinoso século XIX"¹⁵.

Embora a aparição do Coração de Jesus a Margarida Alcoque fosse registrada em 1673, e a devoção se propagasse ao longo do século XVIII, foi só em 1856 que o papa Pio IX, atendendo aos insistentes e urgentes rogos dos bispos franceses, estendeu a festa à Igreja universal. Desde a época da Revolução Francesa, porém, ela havia passado a ser característica dos católicos ultramontanos em reação contra as doutrinas jansenistas e galicanas. No século XIX os vínculos entre a devoção ao Coração de Jesus e a espiritualidade ultramontana foram fortalecidos pela postura teológica assumida pela Igreja no *Syllabus*. Com razão, pois, Ralph della Cava observa:

"Na Europa, a reforma da Igreja e do clero e a ênfase acentuada na santidade pessoal e nas devoções sobrenaturais (a do Sagrado Coração de Jesus, por exemplo), estavam em pleno vigor durante o papado de Pio IX"¹⁶.

Mas paulatinamente, a Igreja foi abandonando a sua postura tipicamente defensiva e reacionária do século XIX em busca de reafirmação de sua presença na sociedade, representada então simbolicamente pelo reinado de Cristo.

Essas idéias já transparecem claramente na fórmula de consagração ao Coração de Jesus instituída por Pio XI em 1925, onde se lê:

"Senhor, sede Rei não somente dos fiéis que nunca de vós se afastaram, mas também dos filhos pródigos que vos abandonaram.

Sede Rei dos que vivem iludidos no erro, ou separados de Vós pela discórdia; trazei-os ao porto da verdade e à unidade da fé, a fim de que em breve haja um só rebanho e um só pastor".

¹⁵ *Mensageiro do Coração de Jesus*, ano V, 1900, junho, pp. 33-37.

¹⁶ Ralph DELLA CAVA, *Milagre em Juazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 44, nota 33. — As Resoluções e Estatutos Provinciais, oficializados pelos Bispos do centro-sul do país através de uma pastoral coletiva de 10 de outubro de 1910 dão enorme valor à devoção ao Coração de Jesus: "Entre todas as devoções aprovadas pela Igreja, tem a primazia a devoção do SSmo. Coração de Jesus, que o mesmo Santíssimo Redentor declarou oportuníssima para estimular no povo cristão o espírito de fé, afervorar a piedade e desenvolver a perfeição e a santidade em todas as classes de pessoas" (n. 417). Os estatutos incentivam a comunhão reparadora, o Apostolado da oração e a Hora de Guarda, bem como as confrarias do SSmo. Coração Eucarístico (ver nºs 418 a 433). *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos*, Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1911, pp. 135ss.

Num canto ao Coração de Jesus, muito difundido entre o povo na primeira metade do século XX, se explicita a mesma idéia:

“Coração Santo – Tu Reinarás – E nosso encanto – Sempre serás”.

(Continua no próximo número)

Rioldo Azzi é licenciado em Teologia pelo Pontifício Ateneu Salesiano e licenciado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana, ambos em Roma. Mestre em Filosofia pela UFRJ. Atualmente é pesquisador do Centro João XXIII e professor no IBRADES. Entre suas obras, citem-se: *O Episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1977. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978. *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, 4 vol. São Paulo Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982-1984.

Endereço: Rua Stanley Gomes, 185, c. 1 – Barra da Tijuca – 22600 Rio de Janeiro – RJ